

O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS: O DOM QUIXOTE DE ITAGUAÍ

Maria Augusta da Costa Vieira *

ABSTRACT: *The adventures of the “de la Mancha” knight along with Sancho Panza have echoed through time and space in countless forms of representation. The image of Don Quixote has spread mainly from references converging into the quixotic myth, which is founded on the Romantic interpretation. It seems that Machado de Assis, differently from many other readers and writers of the **Quixote**, disengages from the most recurring image of the knight and pays close attention to the way Cervantes constructed the narrative, specially with regard to metalinguistic digression. In the case of **O Alienista**, however, something different happens, as Simão Bacamarte’s saga recreates a story with quixotic obliquity in various levels, without ever mentioning such reminiscences explicitly. Focused on a provincial space at the end of the XIXth century, the narrative evokes Cervantes’s work, as it builds up a character who is obsessed by a grand purpose worked out in detail after much reading: the one of solving the mystery of madness.*

Ao lado de outras grandes obras da literatura universal, o *Quixote* de Cervantes fez uma longa andança pelo mundo, percorrendo diferentes gêneros literários, inspirando tanto a prosa quanto a poesia, ensaios de caráter mais ou menos filosófico, representações teatrais e cinematográficas, desenhos, pinturas, esculturas, histórias humorísticas em quadrinhos, narrativas preocupadas com o público infanto-juvenil, enfim, construiu imagens recorrentes que perpassam inúmeras criações em diferentes linguagens.

No Brasil, o cavaleiro manchego não teve fortuna muito diferente e, a partir do século XIX, marcou presença mais ou menos explícita em diversas obras. É possível afirmar que, predominantemente, o engenhoso Dom Quixote aparece como o idealista incansável, imbuído de um heroísmo solitário, em busca dos grandes valores num

* Professora Doutora da Universidade de São Paulo – USP.

mundo repleto de desacertos. Encarna a imagem daquele que resiste às pressões circunstanciais em nome dos princípios mais elevados – norte de seu discurso e sua ação. De um modo geral, a leitura que se fez da obra se orientou por parâmetros românticos, ágeis em destacar o lado sério, sentimental e subjetivo da obra, exaltando o idealismo em detrimento da loucura quixotesca, ou então, considerando sua loucura mas amenizando-a com a adjetivação: “louco sublime”.¹ É muito provável que no âmbito brasileiro haja apenas uma exceção – Machado de Assis – quanto ao modo de ler o *Quixote* e de envolvê-lo na trama literária.²

Vivendo no Rio de Janeiro e sem nunca ter saído do país, nem sequer do próprio estado, o romancista brasileiro reuniu diversos títulos da literatura europeia de diferentes épocas: compêndios de história geral e história natural, biografias, estudos filosóficos, teológicos, políticos, gramaticais e de crítica literária. Pelo que se sabe, a *Bíblia*, o *Prometeu*, *Hamlet* e o *Quixote* eram seus livros de cabeceira.³

É curioso observar que embora a crítica tenha incluído frequentemente Cervantes entre os autores que ecoam nos escritos machadianos sobretudo pelo humor e pela ironia, ao mesmo tempo não se deteve nas linhas e, menos ainda, nas entrelinhas dessas ressonâncias, limitando-se apenas a breves menções. Sem dúvida, até hoje se deu maior ênfase aos estudos que se concentraram nas raízes inglesas e francesas presentes na prosa narrativa do romancista brasileiro.

Machado de Assis foi bastante reservado em relação à sua vida privada e daí a dificuldade em identificar correspondências, mui-

¹ A partir de meados do século XX, a crítica passou a questionar o viés romântico que predominava na leitura do *Quixote*. Os que se manifestaram de forma mais veemente contra a abordagem romântica foram Peter Russell, hispanista britânico que publicou em 69 um artigo intitulado “Don Quijote o la risa a carcajadas” e Anthony Close que estudou em profundidade a crítica cervantina em *The Romantic Approach to Don Quixote Criticism* (Cambridge: Cambridge University Press, 1978). Para um breve resumo sobre o debate que se instalou no interior do cervantismo, ver de Maria Augusta Vieira, “Românticos e realistas” em *O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote*.

² A presença cervantina na obra de Machado foi apontada por Riley, em 1998, numa conferência realizada na Universidade de São Paulo. Ao se referir à galeria de autores que introduziram em seus romances nítidos elementos quixotescos, Edward Riley incluiu Machado de Assis ao lado de Fielding, Sterne, Flaubert, Dostoiévski, Galdós, entre outros. A conferência foi publicada sob o título “La singularidad de la fama de Don Quijote” em *Cuadernos de Recienvenido* e, recentemente, reeditada em *Cervantes* (XXII, No. 1, 2002, 27-41).

³ Ver de José Luís Jobim (org.) *A Biblioteca de Machado de Assis*, e de Afrânio Coutinho, *A filosofia de Machado de Assis*.

tas vezes ilusórias, entre vida e obra.⁴ Por outro lado, apresentou fortes restrições ao desenho ligeiro do quadro social com a pretensão de espelhar as questões de sua época. Rejeitou, radicalmente, em sua produção narrativa a tradição do romance que explorava a natureza e a cor local na caracterização da sociedade e da hegemonia de classes. Ao contrário, tratou de analisar as camadas mais profundas da sociedade de seu tempo e da complexidade humana a partir de anedotas e detalhes aparentemente triviais.⁵

Tanto em Machado quanto em Cervantes a crítica destacou o elevado grau de consciência em relação à sua própria criação, evidenciada, entre outras coisas, pelos procedimentos metalingüísticos adotados. No caso da narrativa machadiana foi sublinhada a ampla reflexão sobre a composição literária como um aspecto significativamente inovador que, por meio do procedimento metalingüístico, analisa a língua e a linguagem e indaga-se a si mesmo acerca da própria representação e do destino das personagens, estabelecendo um intenso diálogo com o leitor.⁶ Esta familiaridade que o leitor atento encontra entre a prosa de Cervantes, mais precisamente, o *Quixote*, e a produção de Machado de Assis a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, isto é, a partir de 1880-1, parece concentrar-se numa certa condição particular que a leitura experimenta, motivada por recursos que a exploração da metalinguagem oferece.

Nesse caso, os vínculos entre a prosa do romancista espanhol e a do brasileiro vão além do que se observa na tradição do romance ocidental. Ou seja, não seria suficiente considerar de modo genérico que as marcas da obra de Cervantes estão presentes na prosa machadiana da mesma forma como, grosso modo, todo romance em alguma medida deve seu tributo ao *Quixote*⁷. No caso de Machado de Assis outros referenciais intervêm criando matizes

⁴ Ver de Antonio Candido, 'Esquema de Machado de Assis', *Vários escritos*, 15-32.

⁵ Ver de John Gledson, 'Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo' em *Contos: uma antologia*, seleção, introdução e notas de J. Gledson, pp. 15-59.

⁶ Ver de Valentim Faciolli 'Várias histórias para um homem célebre (Biografia intelectual)' em *Machado de Assis*, pp. 9-59.

⁷ Como diz Riley, a história do engenhoso cavaleiro constitui um ponto de intersecção entre o passado e o futuro do gênero. Encontra-se na matriz do romance e, seja a partir de contatos efetivos ou não, conscientes ou não, a obra cervantina está presente na própria reminiscência da forma. (ver de E. C. Riley, 'Whatever Happened to Heroes? *Don Quixote* and some Major European Novels of the Twentieth Century' em *Cervantes and the Modernists – The Question of Influence*, pp. 73-84. Também de René Girard, *Mensonge Romantique et Verité Romanesque*).

diferenciadores nesse diálogo intertextual. Suas conexões com a prosa de Cervantes recuperam também aspectos da escritura cervantina – e não apenas as marcas quixotescas – ultrapassando a própria condição do herói do romance e abarcando em seus olhares algo mais da complexa composição literária seiscentista.

Ao que tudo indica Machado, como Cervantes, concebia a literatura como um oceano onde as águas se entremeiam continuamente. Diz o narrador em *Esau e Jacó* (1904), como que legitimando um procedimento consideravelmente intensificado a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880-1):

as próprias idéias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verteadas como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas.

Quem observou de modo enfático a proximidade entre Cervantes e Machado foi Carlos Fuentes, que considerou o romancista brasileiro como o único autor da América Latina do século XIX que trilhou as sendas de Cervantes, inscrevendo-se dentro do que convencionou designar como “tradição de la Mancha”. Considera Machado uma exceção dentro do contexto ibero-americano, marcado em parte pela hispanofobia motivada pelos movimentos independentistas. Enquanto a América hispânica tem que aguardar o século XX para a criação do novo romance, em pleno século XIX surge no Brasil uma voz única, filiada à linhagem iniciada pelo autor do *Quixote*, onde aparece uma exuberante vitalidade imaginativa, inovação no uso da ironia, jogo narrativo criado a partir da digressão e da mistura de gêneros.⁸

⁸ Em agosto de 1997, Carlos Fuentes apresentou uma conferência na Academia Brasileira de Letras que tratou das relações entre o *Quijote* e o romance machadiano. No entanto a conferência, embora publicada pela revista *Quimera*, somente chegou impressa para o público brasileiro três anos depois sob o título ‘O milagre de Machado de Assis’, *Caderno Mais –Folha de São Paulo*, (01/10/2000, p. 4-11). O artigo parte do mesmo pressuposto adotado por Fuentes em seu ‘Discurso en la entrega del Premio Cervantes 1987’, em que encontra na tradição do romance duas linhas divergentes: a “tradição de la Mancha” e a “tradição de Waterloo”. A primeira tem seu eixo na própria ficção e, para o ensaísta e romancista mexicano, esta tradição seguida por Sterne e Diderot será interrompida por outra linhagem que redireciona a forma do romance a partir de uma orientação de caráter realista, privilegiando a questão da mobilidade social e a afirmação individual da personagem como aparece em Stendhal e Balzac. No momento, a aproximação entre Cervantes e Machado apontada por Fuentes interessa no que diz respeito à adoção de determinados procedimentos técnicos e à criação de um tipo de narrativa realista que difere do realismo decimonônico. No entanto, parte considerável da produção ensaística do autor mexicano deixa pontos obscuros quando se tem em conta a fundamentação que orienta suas inter-

As reflexões de Fuentes acima indicadas partem essencialmente de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, romance que se encontra na fundação do gênero dentro da história literária brasileira e que, à primeira vista, não remete ao *Quixote* por vários motivos, especialmente pela condição do narrador/personagem Brás Cubas e pela ausência de toda e qualquer veleidade épica. Por meio de uma estrutura episódica a obra penetra no quadro da vida humana a partir da visão de um narrador cuja atitude muitas vezes esbarra com a loucura, com o humor e com a amargura, além de desfrutar da especial condição de defunto desde as primeiras linhas do texto. O paradoxo inicial da obra pouco a pouco é conduzido para o campo do plausível, graças às digressões e aos diálogos com o leitor.⁹ As conexões com o *Quixote* não estão portanto no heroísmo e nem sequer na ausência dele, mas sim na similaridade que se estabelece com o modo de contar a história, com a ironia radical do narrador e com a relação que este trava com o leitor. As intervenções metalingüísticas deslocam o leitor do anedótico e o conduzem para a reflexão sobre o processo de enunciação e de recepção da própria obra.¹⁰

Embora a “escritura cervantina” seja o aspecto que mais aproxima a produção literária dos dois autores, com freqüência aparecem em romances e contos de Machado de Assis alusões, imagens e mesmo cenas e histórias que nos remetem a fragmentos do *Quixote*, além da recorrência freqüente ao tema da loucura, enfim às “marcas quixotescas” presentes em alguns personagens. Para mencionar nada mais do que alguns poucos exemplos, há a alusão à bacia de barbeiro que Rubião, no final do romance *Quincas Borba*, não coloca na cabeça, ou o conto *Píldes e Orestes* que parece remeter à novela do *Curioso impertinente*, ou mesmo em *A desejada das gentes* que parece recriar uma situação entre o tio e a sobrinha com alguns traços semelhantes com o que ocorre na casa de Alonso Quijano, el Bueno.

pretações acerca da literatura e da história. Para uma visão crítica sobre a obra de Fuentes, ver de Jacques Joret, ‘Carlos Fuentes o la lectura especular de Cervantes’, *Actas del II Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas* (p. 887-898).

⁹ A respeito das digressões do narrador em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ver de Augusto Meyer, ‘O romance machadiano: o homem subterrâneo’ no volume organizado por Alfredo Bosi e outros, *Machado de Assis*, p. 357-363.

¹⁰ Sobre as relações entre a obra de Machado de Assis e o *Quixote* ver de M. Augusta Vieira, ‘Las relaciones de poder entre narrador y lector: Cervantes, Almeida Garrett e Machado de Assis’, *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 570, p. 59-71 e ‘Escritura cervantina e mito quixotesco no romance brasileiro’, *Hispania*, p. 455-465.

São alusões abreviadas que, embora careçam de comprovação precisa, nos remetem à obra de Cervantes.

No entanto, no momento, o interesse recai não exatamente nos procedimentos similares da enunciação presentes nos dois autores mas na recriação de uma personagem, talvez a que apresente feições quixotescas mais bem acabadas. Trata-se de Simão Bacamarte em *O Alienista*, publicado em *Papéis avulsos*, em 1882. A partir da pequena Itaguaí se adentra num Brasil provinciano e se descortinam aspectos da mente humana por intermédio de uma investigação que se diz científica e que, nem mais nem menos, é a idéia fixa da personagem central.¹¹ O relato é narrado em terceira pessoa e tem a preocupação de fundar-se em dados precisos, referindo-se freqüentemente a fontes fidedignas que documentaram o ocorrido – os “cronistas” – ao estilo dos documentos presentes nos anais da Mancha que, por sua vez, registraram a suposta verdade histórica das andanças de Dom Quixote.

Simão Bacamarte, “o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas”, “filho da nobreza da terra” e integralmente dedicado à ciência está empenhado em desvendar cientificamente a loucura. Estudou em Portugal e recusou o convite do rei para reger a Universidade de Coimbra ou mesmo para cuidar dos negócios da monarquia em Lisboa. Justificou-se dizendo: “a ciência [...] é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo”. Deixou Portugal, abraçou Itaguaí e os estudos científicos, alternando os tratamentos médicos com muitas leituras. Seu propósito é investigar a loucura, encontrar seus parâmetros e os tratamentos apropriados. Como diz, “a saúde da alma [...] é a ocupação mais digna do médico”. Junta-se a Simão Bacamarte o boticário da vila, Crispim Soares, que o acompanha em seus arrazoados sobre os múltiplos experimentos e sobre os ajustes sucessivos que o médico se vê obrigado a fazer com respeito à própria definição da loucura, transitando entre a ética e a psicologia.

Simão Bacamarte tem toda a população de Itaguaí a sua volta mas algumas figuras se destacam, entre elas, o vigário e o barbeiro que questionam a sensatez das pesquisas do médico. Além disso,

¹¹ Ver de John Gledson, ‘Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo’. Também de Sonia Brayner, *O conto de Machado de Assis*, de Alfredo Bosi, ‘Situaciones machadianas’ em *Cuentos (Machado de Assis)*, e de Carlos Alberto Pasero, ‘Machado de Assis, cuentista’, As referências relativas a *O Alienista* procedem da edição de John Gledson, *Contos: uma antologia*, vol. 1, p. 273-327.

no círculo mais restrito, está a esposa do médico que mais parece uma ama de casa, incapaz de entender a importância dos estudos de Bacamarte. Está também o boticário que acompanha os passos do médico revelando cumplicidade em alguns momentos, medo e insegurança em outros, pelas possíveis resistências que as ações práticas do cientista podem despertar em toda a população de Itaguaí. É ingênuo e um tanto pueril. Desempenha, em parte, o papel de Sancho Pança. É curioso observar que Simão Bacamarte tem em seu entorno mais próximos personagens similares aos que atuam como interlocutores de Dom Quixote no âmbito familiar: o vigário, o barbeiro, uma esposa que concentra o papel da ama e da sobrinha, além do boticário que faz as vezes do escudeiro, acompanhando o Dr. Bacamarte nos caminhos mais tortuosos. Talvez não seja um exagero encontrar na “Casa Verde” conteúdos similares aos que Dom Quixote encontra em Dulcinéia, isto é, a concentração e concretização máxima de um ideal. Em certa medida, há um paralelismo entre o valor que Bacamarte atribui à ciência e o valor que o cavaleiro atribui à amada, conforme assinalou Massaud Moisés. No entanto, é preciso ter em conta que embora essencial e imprescindível, Dulcinéia tem uma função metonímica para Dom Quixote, ou seja, é um dos componentes da sua identidade, enquanto que para Bacamarte a ciência corresponde à totalidade, ao que seria, na verdade, a cavalaria andante para o cavaleiro manchego.¹²

Há um momento no relato em que as simetrias com a história do cavaleiro manchego se tornam bastante explícitas por meio de uma imagem que fixa a analogia com Dom Quixote e Sancho. Trata-se da cena de despedida das esposas de Bacamarte e de Crispim Soares que partem com uma comitiva para o Rio de Janeiro. O narrador descreve a imagem dos dois maridos que regressam às suas casas da seguinte forma:

E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras. (p. 283)

¹² Ver de Massaud Moisés, ‘O Alienista de Machado, uma paródia de D. Quixote?’ (*Jornal da Tarde – Caderno de Sábado*. 08/01/2000, p. 1-3).

O horizonte limitado do boticário montado numa besta se contrapõe à verticalidade do cientista montado num cavalo, o qual com o olhar fixo na abrangência universal de suas pesquisas, deixa que o cavalo decida o caminho a seguir. Como Dom Quixote que delega a Rocinante o trajeto das andanças enquanto se alimenta de pensamentos visionários sobre a importância de sua ação cavaleiresca, Bacamarte faz o mesmo ao lado de seu seguidor que tem um ângulo de visão restrito à bitola das orelhas de uma besta.¹³

Assim como Dom Quixote, Bacamarte é um leitor inveterado, não de livros de cavalaria, mas de estudos científicos que possam fundamentar suas pesquisas. Vivia absorto no mundo das idéias e não se importava com questões corriqueiras do cotidiano. No fim das contas, toda sua “loucura” brota dos livros:

Ora, todo esse trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista. (p.280)¹⁴

Como no *Quixote*, a loucura se origina da leitura e é o motor da ação da personagem central que se constrói sobre uma idéia fixa e sobre um heroísmo desproporcional ao estilo dos grandes heróis épicos. Sua meta é tão descabida quanto a do cavaleiro que projeta restituir o mundo à idade dourada. Diz Bacamarte ao boticário enquanto vai refletindo sobre o sentido de sua ação: “Trata-se, pois, de uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente” (p. 284). Suas investidas

¹³ Apenas se tem notícia de um único trabalho publicado sobre a relação entre *O Alienista* e o *Quixote*. Trata-se do artigo de Massaud Moisés acima mencionado O trabalho aponta a correspondência entre Bacamarte e Dom Quixote e também encontra nessa imagem do médico montado no cavalo, ao lado do boticário, uma analogia com o cavaleiro e o escudeiro.

¹⁴ Na descrição dos hábitos daquele que em breve se transformará em cavaleiro, diz o narrador no capítulo 1 do *Quixote*: “Es, pues, de saber, que este sobredicho hidalgo, los ratos que estaba ocioso – que eran los más del año -, se daba a leer libros de caballerías con tanta afición y gusto, que olvidó casi de todo punto el ejercicio de la caza, y aun la administración de su hacienda; /.../ En resolución, él se enfrascó tanto en su lectura, que se le pasaban las noches leyendo de claro en claro, y los días de turbio en turbio; y así, del poco dormir y del mucho leer se le secó el cerebro, de manera que vino a perder el juicio. (A citação parte da edição anotada por Luis Andrés Murillo, publicada em Madrid, Ed. Castalia, 1978, p. 71-73).

ambiciosas em torno de um projeto grandioso para benefício de toda a humanidade desembocam no desengano, na revisão do caminho percorrido, na constatação de que ele próprio era a exceção à regra e de que a partir de sua definição de loucura, ninguém mais além dele se enquadrava inteiramente num quadro patológico.

Como Dom Quixote, Bacamarte é a única grande vítima de si mesmo, é o único louco que de fato necessita de tratamento por ter acreditado que sua ação representava algo positivo para a humanidade: da idéia de consertar o mundo, passa à insanidade, que, por sua vez, o conduz à auto-análise e à morte. Sem maior razão de viver, morre solitário e silencioso no asilo que ele próprio construiu. Obstinado e anacrônico, Bacamarte buscou um futuro científico para a provinciana Itaguaí na proporção equivalente à ação de Dom Quixote que, também obstinado e anacrônico, com olhos no passado, quis salvar a humanidade dos muitos descaminhos construídos por motivações alheias aos princípios da cavalaria.

No cerne da loucura livresca de Dom Quixote estão em cena os mais elevados valores humanitários em tensão com um mundo que na maior parte das vezes não os reconhece. No caso de Simão Bacamarte – tão obstinado quanto Dom Quixote – há a elaboração incessante do conceito de loucura revestido de cientificismo e alicerçado sobre princípios morais que resultam em parâmetros de crítica social de viés satírico, num mundo em que louco é aquele que atua dentro de determinadas coordenadas éticas. Sua investigação dita psicológica desemboca por um lado na crítica à confiança cega na ciência, nas orientações positivistas e no racionalismo; por outro, no elogio a uma filosofia de caráter pessimista que desacredita a possibilidade de uma sociedade desvencilhada do egoísmo, da vaidade, do oportunismo, das máscaras sociais e também das arbitrariedades do poder. Enfim, se num primeiro momento loucos são aqueles que apresentam algum desvio em relação ao comportamento social e, em alguns casos, os que expressam algum movimento interior que escape da norma da aparência pública, no momento seguinte das pesquisas de Bacamarte, loucos são os que dispõem de alguma virtude rara.

Mais além dos conteúdos resultantes de um exame clínico da sociedade a partir do olhar de um cientista de idéia fixa, a novela de Machado de Assis incide na crítica às orientações do poder político que legitimam as ações do alienista, filho da nobreza e reconhecido até pelo rei de Portugal, atribuindo-lhe plenos poderes em relação à

vida dos habitantes de Itaguaí.¹⁵ A ação de Bacamarte torna-se verossímil graças às regalias concedidas aos que ocupam postos privilegiados na hierarquia social. Um poder do qual não partilha Dom Quixote, um fidalgo decadente e empobrecido que tem que conquistar seu lugar no mundo por meio da retórica – mais do que pelas armas – e fazer valer a idéia de que os princípios da cavalaria são de fato essenciais para a vida da humanidade. Tão essencial quanto o desvendamento científico dos parâmetros da loucura para Bacamarte.

Ao que tudo indica, *O Alienista* pode ser considerado como uma reescritura do *Quixote*, seja por intermédio do heroísmo insustentável e anacrônico, seja pela idéia fixa que orienta a ação da personagem. Uma reescritura que recupera não apenas aspectos da escritura cervantina no eixo da enunciação como também feições do Cavaleiro da Triste Figura no plano do enunciado. Assim sendo, o mestre Machado soube se desvencilhar da imagem romântica e recorrente do engenhoso fidalgo com a espada em riste, disposto a “enderezar tuertos”. Criou uma personagem que foi além dos paradigmas que compõem o mito quixotesco – de caráter superficial e facilmente identificável – construindo um Dom Quixote de viés realista, enfrentando um cientificismo livresco e inadequado na interiorana Itaguaí, inserido nos sintagmas que construíram a história brasileira.

Referências Bibliográficas:

- BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999, 88-92.
- _____. Situaciones machadianas. In: *Cuentos (Machado de Assis)*. Trad. Mária Russotto. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978, IX-XXVI.
- BRAYNER, Sonia. *O conto de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis, *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, 15-32.
- CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote*. Edición de L. A. Murillo. Madrid: Castalia, 1978.
- CLOSE, Anthony. *The Romantic Approach to Don Quixote Criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

¹⁵ Sobre o tema do poder em *O Alienista* ver de Alfredo Bosi, *O enigma do olhar*, p. 88-92.

- COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Casa Editoria Vecchi Ltda, 1940.
- FACIOLI, Valentim. Várias histórias para um homem célebre (Biografia intelectual). In: *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982, 9-59.
- FUENTES, Carlos. O milagre de Machado de Assis. In: *Caderno Mais - Folha de São Paulo*, 01-10-2000, p. 4-11.
- GIRARD, René. *Mensonge Romantique et Verité Romanesque*. Paris: Bernard Grasset, 1961.
- GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo. In: *Contos: uma antologia* (Seleção, introdução e notas de J. Gledson). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 15-59.
- _____. A sátira da filosofia: Humanitismo, A Ópera' e o egoísmo. In: *Machado de Assis: impostura e realismo*. Trad. Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 142-154.
- JOBIM, José Luís (org.). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks, 2001.
- JOSET, Jacques. Carlos Fuentes o la lectura especular de Cervantes. *Actas del II Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*, Nápoles (1995), p. 887-898.
- MEYER, Augusto. O romance machadiano: o homem subterrâneo. In: BOSI, Alfredo et al. (Orgs.). *Machado de Assis*. São Paulo: Ed. Ática, 1982, p. 357-363.
- MOISÉS, Massaud. "O Alienista de Machado, uma paródia de D. Quixote?" *Jornal da Tarde - Caderno de Sábado*, 8 de janeiro de 2000, p. 1-3.
- PASERO, Carlos Alberto. Machado de Assis, cuentista. In: *Cuadrenos Hispanoamericanos*, No. 598 (2000), p. 53-72.
- RILEY, E. C. La singularidad de la fama de Don Quijote. In: *Cuadernos de Recienvenido - Curso de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo*, N° 8, 1998.
- RILEY, E. C. Whatever Happened to Heroes? *Don Quijote* and some Major European Novels of the Twentieth Century. In: *Cervantes and the Modernists - The Question of Influence* (Ed. Edwin Williamson). Londres: Tamesis, 1994, p. 73-84.
- RUSSELL. Don Quijote o la risa a carcajadas. In: *Temas de La Celestina y otros ensayos*. Barcelona: Ariel, 1978.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

VIEIRA, M. Augusta C. Las relaciones de poder entre narrador y lector: Cervantes, Almeida Garrett y Machado de Assis. In: *Cuadernos Hispanoamericanos*, 570, (1997) p. 59-71.

____. Escritura cervantina e mito Quixotesco no romance brasileiro. In: *Hispania*, Vol. 85, N° 3 (2002), p. 455-465.

____. *O dito pelo não dito: paradoxos de Dom Quixote*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1998.